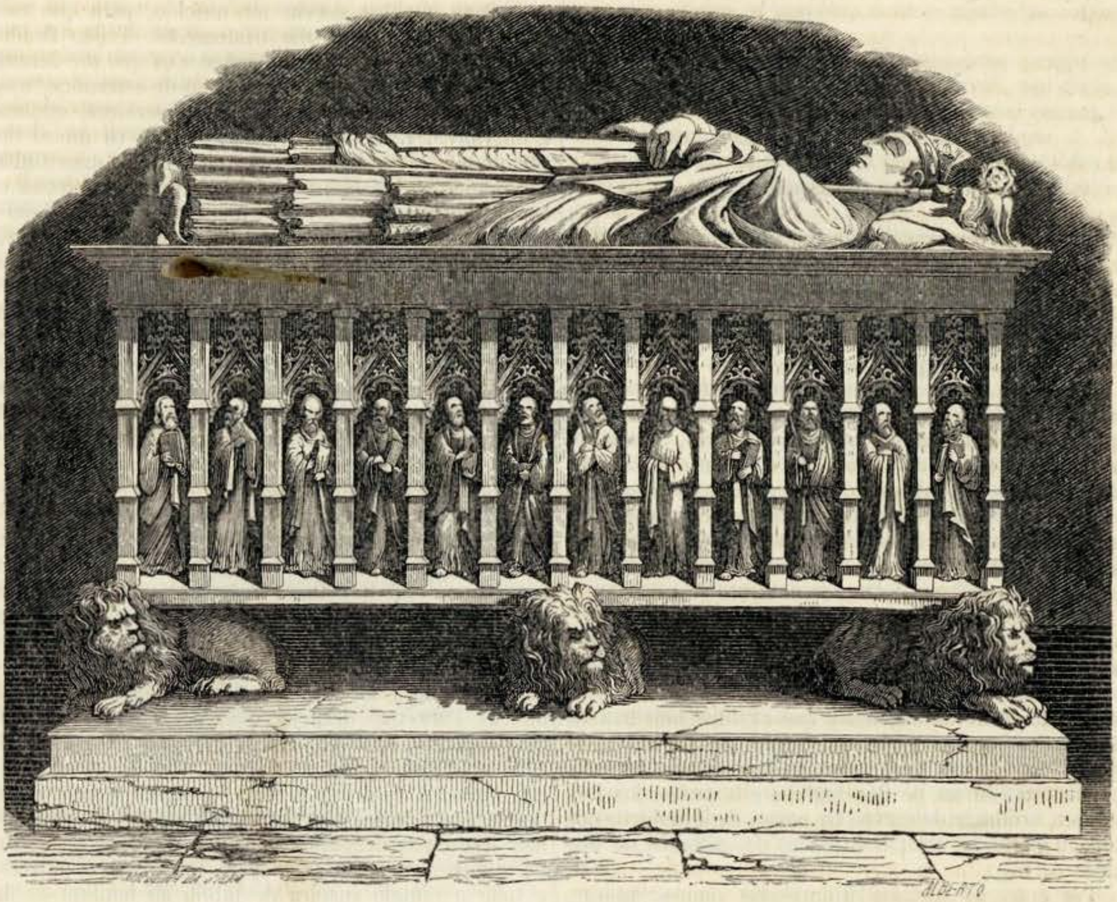


Tumulo do arcebispo D. Diogo de Sousa — Desenho de Nogueira da Silva

De todos os arcebispos da sé primacial, o mais benemerito da cidade de Braga foi, sem duvida, D. Diogo de Sousa. Nenhum outro prelado deixou ahi commemorado o seu governo com tantos e tão honorificos padrões.

As obras sumptuosas, que emprehendeu e levou a cabo na sua cathedral, e outras fundações religiosas, attestam a munificencia e sollicitude do seu poder espiritual. Porém são ainda maiores provas da grandeza do seu animo, e dos desvelos paternaes do seu coração, as construcções e variados melhoramentos que fez na cidade com grande dispendio seu, no exercicio do poder temporal, como senhor de Braga.

Viu, pois, esta nobre povoação, ao aceno do illustrado arcebispo, abrirem-se novas praças e ruas, introduzir-se mais agua dentro dos muros, edificarem-se algumas fontes e reconstruirem-se outras, levantarem-se novas e mais bellas portas da cidade, acrescentarem-se as fortificações para melhor defesa dos habitantes, reunirem-se e collocarem-se ordenadamente em uma praça differentes columnas milliarias romanas, que estavam dispersas e desprezadas, e outras obras mais de utilidade e aformoseamento.

Correspondendo todas as acções de D. Diogo de Sousa a estes cuidados e liberalidades, a sua morte foi sinceramente sentida e chorada por todos os bracharenses, que o amavam como a um pae. E el-rei D. João III e toda a nação tambem deploraram a sua falta, porque ambos lhe deviam bons serviços em commissões importantes fóra do paiz. A sua memoria foi portanto honrada com assignalados tributos de saudade e veneração, e com o magnifico monumento funebre, onde repousa o seu corpo.

Ergue-se este mausoleo no centro da egreja da Misericordia velha, que se communica com a sé. É de pedra, e todo coberto de esculpturas, descançando sobre seis leões. Guarnecem a caixa pelos quatro lados as imagens da Virgem, dos apostolos, dos evangelistas, e de outros santos, em alto relevo, mettidas em nichos decorados com brincados lavores. Sobre a tampa está deitada a estatua do prelado, vestida em habitos pontificaes. É maior que o natural, e de bom desenho. É a melhor, ou pelo menos uma das melhores obras d'este genero, que possue a cidade. Por baixo da estatua, no friso em volta da caixa, está gravada a seguinte inscripção:

Aqui jaz D. Diogo de Sousa Arcebispo de Braga, filho de João Rodrigues de Vasconcellos, Senhor de Figueiró e de Pedrógão, e de D. Branca da Silva, sua mulher, o qual El-Rei D. João o II *mandou por Embaixador a Alexandre Papa* VI *a lhe dar sua obediencia, e El-Rei D. Manoel tendo-o feito Capellão mór da Rainha D. Maria, sua mulher, o mandou dar sua obediencia ao Papa Julio* II, *e El-Rei D. João o* III *o fez Capellão mór da Rainha D. Catherina, sua mulher; o qual fez esta capella para sua sepultura. Viveu* LXXII *annos, e faleceo a* 18 *dias do mez de julho de* 1532.

A capella a que allude o epitaphio é a de Jesus, da dita egreja chamada Misericordia velha. Esteve ahi primitivamente o tumulo do arcebispo. Depois, por

ser muito grande, e tomar quasi toda a capella, foi transferido para o meio do templo, onde se acha cercado por uma grade de ferro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A NOITE DE NATAL

(TRADUCÇÃO DE R. PAGANINO)

Era o anniversario do dia em que nasceu na Judéa o que devia annunciar ao mundo a *boa nova*. Todos os povos discipulos de Christo celebravam o NATAL. O vento frio que rojava pelas ruas de Londres lufadas de neve, obrigára os habitantes da cidade a recolherem-se mais cedo que o costume.

Por entre as trevas que envolviam as praças e os largos percebiam-se, de quando em quando, as janellas que se iam illuminando, umas após outras, e ao mesmo tempo o aroma appetitoso das comidas exhalava-se dos respiradouros abertos das cozinhas subterraneas.

A immensa agglomeração de casas, que constitue a gigante capital do Reino-Unido, apresentava por toda a parte uma apparencia duplicada: rudez e solidão por fóra, agasalho e festa por dentro.

Em quanto assobiava a nortada nas beiras dos telhados, e a neve redemoinhava á roda dos negros vultos das chaminés, e os rumores passageiros das carruagens, que corriam pelo *macadam* das ruas, se confundia com as argoladas que rapidamente batiam á porta os que recolhiam mais tarde, animava-se tudo dentro das casas. A vida que vinha fugindo das ruas concentrava-se ao pé dos fogões, e a grade das fornalhas, atulhada de carvão de pedra, fazia reflectir por toda a parte as chispas azuladas de milhares de linguas de fogo.

Por entre as cortinas illuminadas viam-se passar, umas vezes as sombras folgazãs das crianças, maravilhadas pela vista encantadora das prendas da consoada, outras os vultos mais socegados, mas não menos graciosos, das donzellas que se davam pressa em acabar os preparativos para a festa da noite.

Entre essas casas, todas cheias de luz e de arruido, havia uma, porém, que se tornava notavel pelo silencio e pela escuridão. Erguida ao canto de um largo, tendo á frente um jardimzito, cujas flores haviam desapparecido, e resguardada por uma grade ferrugenta, onde não havia nem argola, nem campainha, parecêra certamente deshabitada, se não fossem umas cortinas pequenas, quasi pegadas aos vidros, cuja alvura contrastava com a frontaria esfumada. Baixa, solitaria e taciturna, aquella casinha apresentava uma perspectiva tão retrahida e triste, que fazia desconfiar os raros transeuntes. Junto ás outras casas, fazia o mesmo effeito que faria um misanthropo cosido com a escuridão a alguns passos de uma turba ruidosa e alegre.

Posto que nem o menor rumor se percebesse na *casa negra* (assim a denominavam pelas visinhanças,) o que tivesse podido com a vista penetrar a escuridão, teria descoberto ao fundo da sala grande do primeiro andar, um homem já idoso, enterrado n'uma poltrona, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça encostada ás mãos.

A sua attitude denotava o desalento, que era confirmado pelos suspiros com que o solitario de quando em quando entrecortava o silencio da sua habitação.

João Bolwer achava-se effectivamente n'um d'aquelles momentos, em que o homem, com o animo exhausto, se confessa a si mesmo, e passando em revista todos os accidentes da sua vida passada, procura sinceramente a origem do seu padecer. Tinha começado já devagarinho, e em periodos entrecortados, um d'aquelles monologos retrospectivos, que os heroes de tragedia costumam recitar em voz alta e em versos d'arte maior.

— Para que me serviu ter nascido, para que me serve viver, pensava elle tristemente. Tendo ficado orphão antes de ter podido conhecer os que me deram a existencia, fui crescendo no meio de estranhos, nos quaes encontrei successivamente superiores, eguaes e inferiores. Ensinaram-me quaes eram os meios de enriquecer honradamente; e eu provei que tinha aprendido as lições que recebêra, fazendo fortuna e cumprindo os meus deveres. Aos cincoenta annos deixei-me de negocios ficando rico, tido em boa conta, com saude de corpo, e com o espirito tão livre como quando começára a minha carreira.

— Mas que proveito recolhi do meu trabalho e do meu bom comportamento? Onde existem para mim as recordações do passado, as alegrias do presente, as esperanças do futuro? Que interessa aos outros, que me interessa a mim mesmo, que eu adormeça aqui n'esta casa solitaria ou mais além no fundo da sepultura? As minhas relações com este mundo foram exclusivamente por cartas d'ordens, letras vencidas, contas correntes e ordens de pagamento. Apenas as minhas letras estiveram vencidas, o ultimo pagamento feito, a conta corrente final saldada, tudo terá acabado para mim. Não terei mais interesse no mundo nem razão de ter. E entretanto a vida é agradavel para a maioria dos homens, visto que elles para a conservarem soffrem todos os tormentos. Que encanto haverá pois na vida, que eu lhe não pude encontrar nunca? Para que despejei quasi dois terços da taça da existencia, sem lhe descobrir o sabor? O que constitue a felicidade dos outros é o que me pesa como um fardo, e este dia mesmo, que por toda a parte desperta a alegria, não faz nascer na minha alma senão tristeza e desgosto. Deus de Bethlem, foi n'esta hora que desceste á terra para nos trazeres allivio, e todo o mundo suspira de jubilo ao lembrar-se da tua apparição! Porque será que no meio da felicidade geral existo eu só sem ter consolação?

João Bolwer continuou assim por muito tempo, repetindo sempre os mesmos queixumes. Perguntava debalde, de si para si, o que era que apresentava aos outros gôsto na vida, quando elle, favorecido com todos os requisitos, que a tornam appetecivel, podia conseguir apenas tristeza e aborrecimento.

Tantas vezes revolveu estes pensamentos no espirito, que a cabeça se lhe exaltou por fim, arripios de febre correram-lhe pelas veias, passaram-lhe centelhas por diante das palpebras cerradas, milhares de imagens o perseguiram, tão confusas e tão rapidas, que forcejava debalde por detel-as. Mas através mesmo d'este turvamento, ondas de amargura lhe golphavam no coração, afogando-lhe um após outro os derradeiros germens da esperança.

Aproximava-se machinalmente da janella; e com a fronte ardente encostada á vidraça gelada, olhava para uma casa d'onde o separava o espaço obscuro do largo. Separada das outras tambem, scintillava luzes em todos os andares, e os murmurios risonhos, que d'ella saíam ás lufadas, iam confundir-se ao longe com os ruidos da cidade.

Os olhos de João Bolwer, que a principio tinham divagado ao acaso por aquella habitação folgasã, demoraram-se por fim; uma especie de abalo lhe fez estremecer o cerebro, pareceu-lhe que os sentidos se lhe faziam mais apurados, que a vista penetrava pelas cortinas corridas, que os ouvidos percebiam as vozes, que a distancia e os obstaculos desappareciam; distinguia o que se passava no predio fronteiro, como se fosse na sua propria casa.

Foi o primeiro andar que lhe prendeu logo a attenção.

Estava habitado por um commerciante que tambem se deixára do negocio.

Rico e sem filhos, Williams Jacobson tinha arranjado um grupo de amigos velhos, com os quaes repartia a sua fortuna, e que em paga lhe davam affeição e bom humor. Estavam todos reunidos com mulheres, filhos e filhas á roda de uma mesa guarnecida delicadamente, da qual o ex-commerciante estava fazendo as honras. Uma liberdade cordial excitava a alegria.

Os pais contavam historias do seu tempo, os rapazes trocavam gracejos innocentes, e as crianças soltavam gritos de admiração diante da arvore do Natal carregada de presentes de consoada. A alegria brilhava nos olhos de todos, resaltava nos ditos, manifestava-se nos movimentos, denunciava-se no bulicio geral; mas como todos a deviam ao seu hospedeiro, todos lh'a retribuiam tambem; o modo por que tratava a todos tinha-lhes convertido aquellas familias todas em familia sua; as crianças vinham encostar-se-lhe aos joelhos e pedir-lhe beijos, os rapazes ouviam-no com respeito, as raparigas cuidavam em ajudal-o a fazer as honras da casa, e os paes faziam saudes e desejos pelos seus longos annos e felicidades.

Convivas n'esta festa da amizade, reuniam-se as edades e acclamavam-no rei; cada um dos convidados trazia uma flor, e todos reunidos teciam-lhe a coroa.

Jacobson acceitava tudo, porque lhe fizera a experiencia comprehender que doçura havia n'esta affectuosa reciprocidade. Formára, pela escolha e pela dedicação, os parentes que a sorte lhe recusára, e receando que a sua casa ficasse deserta, tinha-a patenteado aos que quizessem amal-o. Por isso tambem não receava já a solidão nem a tristeza. Á primeira convocação accudiam todos para lhe fazer companhia, trazendo comsigo reconhecimento, ternura e alegria.

No momento em que se levantava da mesa, cercado pelos convivas que lhe sorriam, pareceu a João Bolwer que o seu visinho se voltava para elle com ares risonhos, como para lhe provocar perguntas, e murmurou a meia voz: — Onde encontras tu a felicidade? E pareceu-lhe tambem que Jacobson lhe respondia a meia voz: — Na alegria dos meus amigos.

O solitario da *casa negra* abanou as orelhas como cavallo manhoso, e dirigiu a attenção para o segundo andar.

Ahi não havia convivas jubilosos em roda de uma mesa esplendida. O tenente O Meggi estava sósinho com seus filhos e sua esposa. A chaleira com agua cantava devagarinho a um lado do brazeiro, e o pudim nacional erguia-se na mesa de jantar. N'isto consistia o banquete da familia, porque o tenente vivia do seu soldo, e tinha ainda em cima alguns parentes já edosos para sustentar na Irlanda.

Mas se o banquete era mais que modesto, nem por isso a alegria era menos ruidosa, porque O Meggi estava preparando para seus filhos um divertimento havia muito promettido, e tambem havia muito desejado.

Tinham apagado o candieiro, e a lanterna magica começava a desenhar n'um lençol, suspenso na parede, o seu disco luminoso.

Aqui temos já os primeiros navios de Guilherme o Conquistador, que apparecem brilhantes pela multiplicidade de bandeiras multicolores. O duque de Normandia desembarca com o seu exercito, avança por meio de campinas riquissimas coalhadas de mosteiros. Vêde como cada um d'aquelles senhores feudaes caminha com a sua bandeira, e levando á roda de si os seus vassallos armados. Aqui estão os nobres normandos e angevinos, brilhando com velludo e oiro, além os habitantes de Mans e da Borgonha, notaveis pelos seus ademanes cavalheirosos, mais além os gascões que zumbem ao sol como um enxame de vespas, e proximo d'elles os bretões de apparencia sombria, e cujas armaduras de ferro encobrem com difficuldade os farrapos com que se vestem.

Agora muda a scena. Eis-aqui os saxonios armados de arcos muito compridos, e com machados muito grandes.

Estão retirados por detraz das palissadas e esperam pelo inimigo com os olhos fitos em Harold, seu chefe. Já vôam as frexas, já os homens d'armas correm a toda a brida, finalmente está travada a peleja.

Assim que cada imagem ia passando, ia tambem o tenente O Meggi explicando-a ás crianças maravilhadas.

Após a historia da conquista veiu a das guerras civis, das luctas com os estrangeiros, das grandes prosperidades e das grandes desventuras. De longe a longe, as nobres feições de um heroe ou de um bemfeitor da patria, desenhavam-se no meio da luz, e o pae contava ao seu auditorio ingenuo, que se exaltava, satisfazia, ou enchia de indignação.

Toda a historia de Inglaterra passou assim successivamente pelos olhos dos espectadores, e o tenente foi achando em tudo quanto mostrava pretexto apropriado para lição.

Ia fortalecendo pouco a pouco estas almas com os grandes exemplos, ensinando-lhes a veneral-os. Iniciava-os nos grandes actos de coragem que formam o homem, e nos grandes actos de desinteresse que constituem o cidadão.

João Bolwer ouvia e olhava. Via os olhos d'aquellas crianças brilharem, ouvia os seus gritos d'admiração, seguia maravilhado os movimentos todos d'aquelles corações abalados. Pela primeira vez na sua vida, adivinhava a parte que o individuo póde e deve tomar na vida de todos; sentia que pontos de relação nos prendem aos antecessores e aos descendentes; comprehendia, em summa, que alegrias se podem encontrar na historia da humanidade e na felicidade da patria.

Apagou-se a lanterna magica; a solicita dona da casa dobrou e guardou o lençol, onde tanta acção notavel se representára. A familia do tenente O Meggi, reunida em roda de uma pequena mesa de jantar, conversava ruidosamente a proposito do que admirára havia pouco, em quanto iam tomando chá e comendo pudim.

João Bolwer deixou de olhar e ficou pensativo por algum tempo; mas a vista encontrou o pallido clarão que illuminava a agua furtada, e o pensamento desviou-se-lhe da familia do tenente.

Conhecia a pobre mulher que morava ao pé do telhado, porque ella, por mais de uma vez, reclamára os serviços do visinho.

Era uma viuva escoceza, que vivia para alli, como o passarinho contando com o que a Providencia lhe désse cada dia. Sustentava com o seu trabalho uma netinha doente, e que havia dois annos estava luctando entre a vida e a morte. Mas, posto que a criança lhe servisse de grande peso, Ketty Beans não se queixava; a filha de seu filho era o resto de uma familia que desapparecêra, era o derradeiro elo da cadeia de ternura que para ella começára no dia dos desposorios.

Recordações da mocidade, alegrias do lar domestico, esperanças de futuro, tudo para ella se resumia n'aquella enfezadita criança, que a morte lhe podia roubar de um dia para o outro.

E tambem quantas caricias e desvelos! Debalde haviam os annos alquebrado o corpo da pobre mulher; ella estava sempre prompta para o trabalho, quando este era necessario para acudir ás exigencias da enfermidade; debalde as rugas lhe encarquilhavam o rosto, este expandia-se logo que a sua Jenny lhe podia sorrir.

Acabava Deus de lhe conceder um d'estes raros

lampejos de jubilo. Na trapeira da pobre viuva, como por toda a parte, havia festa em noite de Natal.

Ketty Beans tinha tambem preparado para a doentinha uma surpresa maravilhosa. Á custa de trabalho e de economia, tinha conseguido poupar alguns *pences* para comprar um pequeno azevinho, com as suas bagasitas escarlates.

O arbusto estava plantado n'uma caixa verde, d'onde lhe saíam as folhas espetadas de que Jenny não podia desprender os olhos. Tinha-se levantado da cama para ver melhor; estava sentada no regaço da avó, com um braço passado por cima do hombro da velha, e assim contemplava o azevinho cheia de satisfação.

Era effectivamente aquella a sombria verdura no meio da qual se alapava a cabana em que nascêra. Aquellas bagas de coral eram bem como aquellas de que sua mãe lhe fazia brincos e collar. Era proximo á sebe do espinhoso azevinho, que se reuniam as mulheres das visinhanças para ouvirem historias ou cantarem balladas.

E remontando-se a estas recordações longinquas, murmurava a criança com voz languida as antigas canções da Escocia, e a viuva, cuja memoria se reavivava, acudia-lhe com as palavras. Transportadas assim pela imaginação ao seio dos seus bosques selvagens, sentiam ambas o ar da montanha, e respiravam perfumes dos seus primeiros annos. — Encantadora visão, que por momentos as emancipava da edade, da velhice, da doença e da miseria! — Então nenhuma deu pelas vigas carunchosas da agua furtada, nem pela enxerga rota, nem pela mobilia desconjunctada, nem pela chaminé sem lume. Com o poder do pensamento tinha o arbusto augmentado de grandeza, e bracejava por toda a parte os seus ramos verdejantes. Havia transformado aquella miseravel habitação n'um ninho de verdura, dos que se escondem pelas fendas dos rochedos nas escalvadas montanhas da Escocia. Parecia-lhes que ouviam o chilrar dos passaros, o murmurio das aguas caindo de rochedo em rochedo, e o cantar dos pastores correspondendo-se mais abaixo de matto em matto.

Sobeja agora tudo, onde tudo faltava, havia pouco. Um raminho verde operou este milagre, trouxe comsigo alegria e recordações.

João Bolwer não quer vêr mais nada. Deixa a janella e torna a cair na sua poltrona.

D'ora em diante já conhece o segredo. Vê que um procurou a ventura na amizade, outro no amor da patria, outros nas recordações da mocidade, e todos fóra do seu ser. Só elle tem vivido sem sympathias e sem memoria, como a herva inutil que vegeta ao canto de um becco deserto.

Comprehende agora que para fazer parte dos vivos é mister ligar-se aos homens ou ás coisas pelo coração. E percebe finalmente, que se todas as casas estão illuminadas para a festa, em quanto a *casa negra* permanece unica nas trevas e no silencio, é porque lhe faltaram sempre os doces lumes que abrilhantam as outras, e que são os unicos que podem illuminar e aquecer a humanidade: *a amizade ou o amor.*

REAL COLLEGIO DAS URSULINAS DE COIMBRA

(Vid. a estampa pag. 285)

Conscio do misero estado em que se acha, entre nós, a educação do bello sexo, sentimos um prazer intimo, ineffavel, ao tratar de um estabelecimento, no qual, sem graves sacrificios, a póde receber esmerada, e cabal a todos os respeitos.

Collocado sob uma exposição feliz, em um dos sitios mais amenos da cidade, amplo, como requer seu destino, inaccessivel a vistas perscrutadoras, como exige o recato, o collegio das Ursulinas reune todas as condições que podem tornar uma habitação commoda, aprazivel e sadia.

As religiosas, adestradas ha muito nas lides do ensino, dedicando-se exclusivamente a este augusto ministerio, não pelo estimulo de lucros mercenarios, mas pela obediencia ás uteis disposições do seu instituto, são, incontestavelmente, as mais habeis e adequadas directoras da educação e instrucção das pessoas do seu sexo.

Abrigado á sombra protectora do primeiro corpo scientifico do paiz, dirigido pelos sabios conselhos de alguns de seus membros, o collegio das Ursulinas é o mais completo estabelecimento nacional do seu genero.

Pela estampa publicada em o n. 36 d'este semanario, já conhecem os leitores a fórma externa do edificio; leval-os-hemos agora a visitar o seu interior.

Pela apparencia modesta da entrada, apesar de agradavel, por correr ao lado do jardim botanico, por debaixo de uma frondosa alameda, mal póde fazer-se idéa da amplidão do collegio.

No primeiro andar está a egreja, que é de boa fabrica, e com a capacidade necessaria para n'ella se celebrarem, com a decencia devida, os officios divinos.

O altar-mór, da invocação de Santa Ursula, e mais dois lateraes, são de talha doirada. Ornam as paredes alguns bellos quadros, sendo, entre outros, digno de attenção o de Santa Catharina, protectora dos estudos.

É de uma só nave, separando-a do cruzeiro uma grade de pau preto, e outra de ferro desenhada com gosto, e trabalhada com esmero.

O salão de *bordar* acha-se collocado em um dos lados do edificio, ao norte, e fazendo angulo com elle, correndo de nascente a poente. Tem quatro janellas de sacada, que caem sobre o jardim do collegio, e no topo mais duas janellas de peitoril, que olham ao poente, vendo-se a cidade, a ponte, o monte da Esperança, o mosteiro de Santa Clara, etc. Tem oitenta palmos de comprido sobre vinte e dois de largo, offerecendo, por isso, a necessaria capacidade para o mister a que é destinado.

As aulas acham-se no mesmo plano e alinhamento. Á de *costura* segue-se a de *escripta*, que tem todos os adminiculos necessarios para o ensino, estando pendentes das paredes, além das tabellas de leitura, taboa preta para exercicios, um mappa genealogico-historico-chronologico de Portugal, os retratos dos nossos reis, etc. etc.

Segue-se a aula de *geographia*, que tambem serve para o ensino do *desenho linear*. É uma bella casa, com janellas para o jardim do collegio, assim como todas as outras aulas. Está ornada com uma excellente collecção de mappas das melhores edições modernas, e não faltam espheras, os livros necessarios para o ensino d'aquella disciplina, e varios instrumentos para o exercicio do desenho, etc. Ha outras salas com pianos e collecções de musica para o ensino d'esta formosa prenda.

No mesmo pavimento, e contigua ás aulas, fica a claustra.

É quadrada; tem por cada lanço oitenta palmos, e ao longo das paredes vão quinze cobertos de abobada sobre arcos de pedraria; a praça de dentro é lageada, abrindo-se no meio uma cisterna de muita agua.

No mesmo pavimento fica o refeitorio e officinas, tão amplas como as demais casas.

Sobe-se por uma espaçosa escadaria de pedra para o andar superior, onde se estendem os dormitorios das religiosas, todos forrados de estuque, bem alumiados e ventilados.

As camaratas, onde dormem as educandas, estão

em dois bellos salões, espaçosos, bem expostos, e sadios. Ficam juntos aos dormitorios das religiosas, mas d'elles separados e independentes. As cellas das *mestras protectoras* estão dentro d'estes mesmos aposentos.

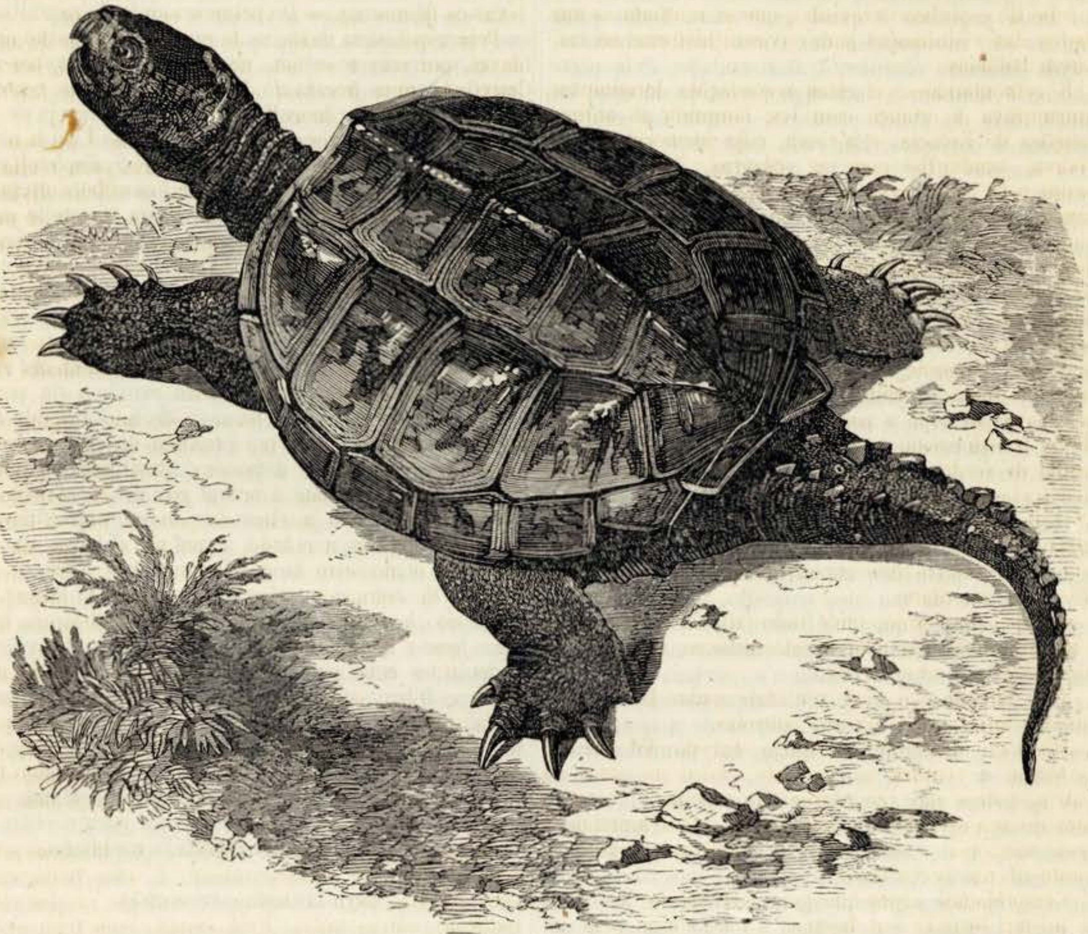
Collocada sobre o salão do bordado, no topo do corredor principal, fica a varanda do côllegio. Aberta ao meio-dia, e abrigada do norte, não póde havel-a mais commoda para lograr, nos dias de inverno, o soalheiro, e, nas noites de verão, a frescura.

Em frente d'esta espaçosa varanda, em todo o correr do edificio, estende-se um taboleiro de terra plana, cercado de muro alto, e dividido por muitos alegretes em ruas de murta. A este ameno sitio vem espairecer as meninas, offerecendo-lhes a distracção mais agradavel, sem serem vistas de parte alguma, e podendo ser vigiadas das janellas do collegio, que para alli caem quasi todas.

Cada menina tem n'este recinto um jardimzinho de flores, em que se desenfadam algumas horas, nos dias de sueto, quando a estação o permitte.

Não fallaremos das bellas vistas, que do collegio se gozam, do Mondego, quintas e casaes visinhos; seria materia para uma larga e poetica descripção. Não exporemos, tambem, os programmas de ensino, e methodos n'elle seguidos, porque não é necessario recommendar esta universidade feminina, onde os paes de familias podem mandar formar as filhas, como á outra mandam formar os filhos. É tamanha a concurrencia de educandas, que, apesar da vastidão do collegio, foi necessario sobr'estar nas entradas; e ha empenhos para occupar os logares que deixam as meninas que vão saindo.

Uma unica pecha hão posto ao collegio ruins descontentadiços. Receiam que as meninas educadas en-



Tartaruga Marinha

tre os muros de um claustro se apresentem com garbo menos senhoril, quando regressarem ao seio de suas familias, havendo-lhes mareado a nativa elegancia e doçura de costumes as austeras praticas de mal entendida piedade.

Esses taes discursivos desconhecem a historia do instituto. As Ursulinas não consomem o tempo em beatices estereis; harmonisam, com maravilhoso accordo, os deveres do seu estado com os especiaes do ensino.

R. DE GUSMÃO.

TARTARUGA MARINHA

A tartaruga é um animal feissimo; na cabeça assimilha-se á serpente, e nas patas e cauda ao lagarto. Mas em compensação a concha ou casca é mais preciosa que o marfim, e a carne é um manjar de opulentos. Os naturalistas classificam commummente as tartarugas em cinco grupos na classe dos reptis: tartarugas terrestres (cágados); tartarugas de agua doce (idem); tartarugas molles; tartarugas de barbatana; tartarugas marinhas. A estas ultimas pertence a que a nossa gravura representa.

Todos estes animaes são quadrupedes, testaceos, amphibios, e oviparos.

As melhores tartarugas são as dos mares tropicaes, principalmente a tartaruga verde pelo sabor da carne, e a tartaruga de casca imbricada pela belleza das suas laminas.

A tartaruga verde, assim chamada por ter malhas esverdiadas, tem no dorso treze laminas, dispostas em tres fiadas, formando as do centro hexagonos quasi regulares. Tem ordinariamente seis a oito pés de com-

primento, e pesam algumas de vinte a vinte e cinco arrobas. Muitos viajantes dizem ter visto tartarugas ainda maiores, pois mediram algumas que tinham quatro pés de espessura das costas ao ventre, e seis pés de largura; e que da casca do lombo formavam os indigenas as suas canôas. Á vista d'isto não se deve ter Plinio por exaggerado, quando diz na sua *Historia Natural*, liv. 9, cap. 12, que as tartarugas dos mares da India são tamanhas que os habitantes das ilhas do mar Roxo faziam da concha os seus barcos, e que uma só bastava para cobrir uma casa.

A casca d'esta tartaruga é oval, e composta de treze laminas transparentes, lisas e imbricadas; a primeira dorsal é a mais larga e quasi quadrada, as lateraes extremas são tambem quadradas, todas as mais são pentagonas, excepto as tres dorsaes que são hexagonas; a sua espessura varia de nove a doze milimetros. As vinte e quatro laminas que lhe revestem os flancos são mais pequenas e quasi quadradas. Todas estas laminas são mosqueadas das côres bem conhecidas, a cuja imitação chamâmos atartarugado. Pela parte inferior é tambem a tartaruga revestida de onze laminas, mas de pouco prestimo, porque são esbranquiçadas e coriaceas. Em cada uma das patas tem duas laminas algum tanto coloridas, que se aproveitam.

Nas Antilhas, que é uma das paragens onde se acha maior quantidade de tartarugas, dividem-nas em tartaruga verde maior, ou Jurucujá do Brazil (em francez: *la tortue franche*); em tartaruga cauanna: (franc. *la caouanne*) e em tartaruga de laminas imbricadas (franc. *le caret*). Quasi todas estas tem a mesma figura com pouca differença; e quasi que se não distinguem umas das outras senão na grandeza, na espessura da concha, e na qualidade da carne.

A tartaruga verde *(franche)* é a que dá melhores ovos, e cuja carne é mais estimada; é tão branca, tão delicada e saborosa como a melhor vitella; costumam lá salgal-a para a conservar, e nas colonias usam d'ella como nós do bacalhau. De ordinario uma tartaruga d'estas póde dar até doze arrobas de carne, e trinta e tantas de um oleo amarello, muito bom para temperar o comer, quando é fresco, e para luzes quando é mais velho. Quando querem comer uma tartaruga, logo que a apanham, matam-n'a, cortam-lhe á róda o casco do ventre, e do costado fazem gamela ou marmita em que cozem a carne, depois de a temperar a seu gosto, com summo de limão, sal, pimenta, cravo da India, etc.

A tartaruga cauanna tem a carne negra, muito filamentosa, coriacea, de mau gosto, e de cheiro desagradavel. A de laminas imbricadas é a que se procura mais; mas é sómente por causa das laminas do casco, as melhores que entram no commercio. Moldam-se estas laminas, e da-se-lhes a feição que se quer, mettendo-as em agua bem quente; e depois pondo-as em um molde aquecido na mesma agua, se lhes imprime em um instante e exactamente a figura que se pretende, por meio de uma imprensa de ferro. O molde e a imprensa egualmente mettidos em agua quente.

A carne d'este animal é nociva.

A tartaruga sustenta-se de hervas, dentro e fóra de agua; e principalmente acha com abundancia a nutrição n'essas especies de campinas e prados que se observam no fundo do mar, ao longo das costas de muitas ilhas da America. Tem poucas braças de agua algumas d'estas paragens, e contam alguns viajantes que, quando o mar está em calmaria e sereno, no fundo d'agua, sobre este tapiz de verdura, vêem-se as tartarugas, que por elle passeiam e comem, e depois da refeição vão ás embocaduras dos rios buscar a agua doce. Estes animaes tem de vir á superficie para respirar, e aqui permanecem quando não comem, e mergulham ao primeiro indicio de perigo. O modo ordinario de as apanhar é esperal-as quando vem á terra fazer a postura dos seus ovos, e viral-as de costas; ou tambem á fisga ou harpéo, e este modo consiste em harpoa-las mesmo dentro d'agua.

O valor das laminas da tartaruga varia muito segundo a qualidade, e esta é geralmente determinada pela procedencia. Não é raro ver no nosso mercado vender tartaruga de Cabo Verde e Angola por menos de 800 réis o kil., em quanto a que vem da Africa Oriental se vende por 10:000 rs.; e esta chegou a obter o dobro e mais no tempo em que foi moda o uso dos grandes pentes de leque ou resplendor.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

(Vid. pag. 317)

Cerca Mourisca. — Do primeiro cinto de muralhas, que cercava Lisboa desde os tempos da dominação arabe, unicamente se vêem, além dos velhos muros do Castello, com as *portas do Moniz e da Traição*, os restos de uma torre e muralha por detraz da egreja de S. Braz, ou como é mais conhecida, de Santa Luzia; uma torre e um pedaço de muro no largo de S. Raphael, em Alfama, e os seguintes arcos, que foram outr'ora portas da cidade, d'entre as 12 que havia n'aquella cerca, os quaes todavia não mostram vestigios de antiguidade: o Arco Escuro na rua dos Confeiteiros, era a *porta do mar antiga*, ou *postigo da rua das Canastras;* o Arco de Jesus defronte do caes de Santarem, era a *porta do mar a S. João;* o Becco das Moscas, junto do chafariz del-rei, era a *porta do chafariz del-rei.* Esta cerca começava no castello proximo da porta principal, que então se chamava de S. Jorge, descia á *porta de Alfofa*, que era proxima da ermida de S. Cryspim, e d'ahi á Sé, defronte da qual ficava a *porta do Ferro*, e d'esta até á actual rua dos Confeiteiros, em que se achava a *porta do mar antiga*. Corria pelo caes de Santarem até á actual rua d'Adiça, abrindo-se em todo este lanço de muralhas a *porta do mar a S. João*, o *postigo do conde de Linhares*, a *porta do chafariz del-rei*, e a *porta d'Alfama*, que fazia frente á egreja de S. Pedro, que o terremoto destruiu, e cuja porta é agora a loja n. 2 da rua d'Adiça. D'aqui subia a muralha a S. Braz ou Santa Luzia, junto á capella mór da qual ficava a *porta do Sol*, d'onde continuava até terminar no castello junto do palacio de D. Fradique, e da *porta* do mesmo nome, que ainda ha pouco se via, bem que tapada, no lanço do muro do castello, que deita para o chão da Feira, modernamente todo rebocado e pintado.

ANTIGUIDADES AFFONSINAS

Dos nove reinados da dynastia affonsina tambem poucos monumentos conta Lisboa. A frente d'elles, por mais antigo e mais vasto, acha-se:

Sé. — As vicissitudes e accidentes por que tem passado este edificio, alteraram-lhe tanto a fabrica primitiva, e por tal modo lhe confundiram os annaes, que fizeram da sua origem um verdadeiro labyrintho em que os antiquarios se enredam e perdem. São tres as opiniões d'estes. Uns querem que esse templo seja obra do imperador Constantino o Grande, ou do seu tempo; outros pretendem que foram os moiros que o edificaram para sua mesquita principal; e finalmente outros ainda sustentam, que el-rei D. Affonso Henriques o construíra desde os alicerces, logo depois da tomada de Lisboa.

As duas primeiras opiniões não tem por si razões bastantemente fortes, antes pelo contrario sensatas considerações se offerecem para as refutar. A terceira abona-se com alguns documentos; entretanto não fal-

tam razões e conjecturas de alguma força em opposição a esses proprios documentos. Porém como não podêmos trazer para aqui esta questão, collocâmos este monumento, que, em todo o caso, encerra sem duvida alguma muitas partes fabricadas nos principios da monarchia, entre as antiguidades affonsinas [1]. A estas pertence tambem o busto de Martim Moniz. Tratâmos d'elle nas antiguidades arabes para não o deslocarmos da porta mourisca em que se acha.

Paços do Arcebispo.—Eram contiguos á sé, e ficavam por detraz da capella-mór, com tres fachadas exteriores para o norte, onde tinham a entrada principal, para léste, e para o sul. As suas ruinas mostram que fôra um grande edificio, reconstruido e augmentado em differentes epochas. As altas paredes de cantaria carcomida e denegrida, com suas janellas gothicas deitando para o sul e léste, são da fabrica primitiva, e revelam a sua muita ancianidade. Não sabemos quem fundou estes paços; porém diversas conjecturas nos levam a crer, que foi algum dos primeiros bispos que succederam a D. Gilberto, nomeado por D. Affonso Henriques no anno 1147, e fallecido em 1166. Das grandes obras de reedificação e acrescentamento, feitas pelo cardeal D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa, que morreu em 1702, ainda se vêem bastantes reliquias no interior do edificio. Destruiu estes paços o terremoto de 1755. (D'elles dâmos mais algumas noticias no artigo d'este roteiro relativo á sé.)

Egreja de Santa Luzia.—A fundação d'este templo, outr'ora da invocação de S. Braz, é de tanta antiguidade, que o auctor das *Memorias da ordem militar de S. João de Malta*, investigou debalde, para lhe descobrir a data, ou pelo menos a epocha, o cartorio da ordem, e outros archivos. As noticias certas mais antigas referem-se ao tempo em que esta egreja foi baliado d'aquella ordem, reinando D. Affonso III, passando pouco depois a ser commenda. Nas differentes reedificações que teve perdeu quasi todos os vestigios de ancianidade, sem ganhar coisa alguma, artisticamente fallando, que lhe dê direito a figurar entre os templos notaveis de Lisboa. Damos-lhe porém aqui logar, porque ainda conserva varias sepulturas reaes de remotas eras. São estas: a de *Fernando Affonso*, cavalleiro do Templo, filho bastardo del-rei D. Affonso III; de *Gil Affonso*, cavalleiro da ordem do Hospital, ou de S. João de Jerusalem, e depois de Malta, balio da egreja de S. Braz, filho illegitimo do mesmo monarcha; e de *frei Lourenço Gil*, freire da dita ordem, commendador de S. Braz, e filho do balio acima nomeado, fallecido em 31 de dezembro de 1346.

Fernando Affonso esteve primeiramente enterrado no adro, d'onde ao diante foi trasladado para dentro da egreja. A circunstancia de ter sido cavalleiro da ordem do Templo originou, provavelmente, a tradição que diz que S. Braz fôra egreja dos templarios.

Além d'aquellas sepulturas, ainda se vêem outras muito antigas, com brazões e figuras grosseiramente esculpidas na pedra.

Mosteiro de S. Diniz em Odivellas. — Fundou-o el-rei D. Diniz em 1295, e n'elle jaz. É de religiosas de S. Bernardo. O templo é na maior parte da fabrica primitiva. D'elle tratámos em outro capitulo. [2]

Memoria das pazes entre el-rei D. Diniz e o infante D. Affonso.—Grandes discordias se suscitaram entre el-rei D. Diniz e seu filho, o infante D. Affonso, depois rei IV do nome, por se recusar o primeiro a satisfazer algumas pretenções do segundo sobre a posse de varias terras, e augmento de suas rendas. Todavia, a causa verdadeira d'esta malquerença foi o ciume do mesmo infante pelo valimento que tinha seu irmão bastardo, Affonso Sanches, junto del-rei, seu pae. Por tal modo se accenderam no animo do infante o odio e a ambição, que, posto á frente de tropas, e de alguns fidalgos que tomaram o seu partido (o que não era a primeira vez), veiu sobre Lisboa, onde se achava el-rei D. Diniz. Saiu logo da cidade este soberano para combater o filho rebelde. Quando D. Diniz chegou ao Campo Pequeno achou o exercito do infante acampado no Campo Grande, então chamado Campo de Alvalade. Começaram logo as escaramuças, e aprestavam-se já para entrar em renhida peleja, quando a rainha Santa Isabel, montada em uma mula, e sem mais sequito, atravessou por entre os combatentes, procurou o filho, e exhortando-o á obediencia, conseguiu trazel-o á presença del-rei, com quem o conciliou. Para memoria d'este successo mandou a mesma rainha collocar um padrão no sitio onde se fizeram as pazes. Mais tarde se lhe poz por baixo a seguinte inscripção:

Santa Isabel, rainha de Portugal, mandou collocar esta pedra neste lugar em memoria da pacificação, que nelle fez entre seu marido el-rei D. Diniz e seu filho D. Affonso IV, *estando para se darem batalha na era de* 1323.

Acha-se este padrão e inscripção na estrada do Arco do Cego, proximo do Campo Pequeno, em um muro do lado direito.

Cerca de D. Fernando. — Tendo crescido muito a cidade por fóra das antigas muralhas, mandou el-rei D. Fernando fazer nova e mais dilatada cerca em 1373. Principiava esta no castello junto á *porta da Traição*, que deita para o Olival, por onde descia á *porta de S. Lourenço*, da qual existem vestigios junto da grande torre que está na costa do castello. D'alli proseguia pelo beco do Carrasco até ao sitio chamado *Paço do Boi formoso*, onde ficava a *porta da Mouraria*, que é o Arco do marquez d'Alegrete; e d'esta continuava para a *porta da rua da Palma*, rua agora chamada — Nova da Palma. D'aqui subia pela calçada do Jogo da Pella, no cimo da qual estava a *porta do Jogo da Pella*, que em razão de um nicho de Nossa Senhora da Graça, que n'ella se poz posteriormente, se denominava arco da Graça, quando foi demolido em 1835, mas do qual ficaram signaes nas paredes das casas com que entestava. D'esta porta corria o muro até á *de Santa Anna*, na calçada do mesmo nome, e abaixo da egreja de Nossa Senhora da Pena, d'onde descia para a *porta de Santo Antão*, que estava na rua a que deu o nome, entre a egreja de S. Luiz, rei de França, e a rua do jardim do Regedor. D'aqui continuava até ás *portas das Estrebarias del-rei*, situadas no logar onde hoje é o largo de Camões. Depois subia ao largo de S. Roque, e ahi, correspondendo á calçada do Duque, onde se vêem de um e outro lado lanços de muro antigo, ficava a *porta do Condestavel*, chamada mais tarde *postigo do Carmo*, e em tempos modernos *Arco de S. Roque*, o qual foi demolido em 1836. Junto d'esta porta estava a celebre torre de Alvaro Paes, que o terremoto de 1755 destruiu completamente. D'aquella porta caminhava a muralha pela rua nova da Trindade, onde existe em pé uma parte d'ella, até ao proximo largo em que se abria a *porta da Trindade*, e d'ahi descia ao largo das duas Egrejas, ficando ambas da parte de fóra, e proximo d'ellas a *porta de Santa Catharina*, celebre pelo valor com que foi defendida pelo mestre d'Aviz, depois rei D. João I, á frente dos portuguezes contra o exercito castelhano, que a accommetteu em 28 de maio de 1384, sendo commandado por D. João I de Castella. D'esta porta só restam as duas estatuas de pedra, que a coroavam, de Nossa Senhora do Loreto, e de Santa Catharina, que mais para memoria do que

[1] Em outro capitulo d'este roteiro tratâmos da sé, e dos outros templos antigos que estão servindo ao culto divino.

[2] Vid. a gravura do mausoleo del-rei D. Diniz, e o artigo que a acompanha, a pag. 77 d'este vol.

como objectos d'arte, foram collocadas em nichos na frontaria da egreja de Nossa Senhora da Encarnação.

D'aquella porta proseguia o muro pela rua do Thesouro Velho, ficando quasi no fim d'ella em frente do palacio dos duques de Bragança a *porta do Duque de Bragança*, d'onde descia até á *porta do Corpo Santo*, chamada primitivamente *postigo do Cata que farás*, que existia proximo ao largo d'aquelle nome, ficando um pouco mais adiante a *porta dos Cubertos*, e perto d'esta a *porta dos Cortes Reaes*, que era contigua ao palacio de Corte Real, que fôra dos marquezes de Castello Rodrigo, e depois encorporado nos bens da coroa, o qual occupava o sitio onde hoje estão as officinas do arsenal da Marinha, parte da rua do Arsenal e do largo do Corpo Santo. Correndo d'aqui pela beira-mar para o oriente, tinha a pouca distancia *o postigo do Carvão*, e proximo d'este e já defronte dos paços da Ribeira, que ficavam de fóra, *a porta da Oura*, a que vulgarmente chamavam o *arco do Ouro*. Seguiam-se as *portas dos Armazens, do Arco das Pazes e da Moeda*, sobre as quaes se edificaram posteriormente alguns quartos do paço da Ribeira. A primeira ficava no largo do Relogio, hoje largo do Pelourinho, o segundo dava saida para o Terreiro do Paço, por baixo do palacio, no logar onde agora alli entra a rua do Arsenal, e a terceira ficava tambem n'aquella praça, no sitio aonde vem desembocar a rua Aurea ou do Oiro. Na continuação do lanço da muralha, que corria pela rua Nova, á qual corresponde hoje a rua Nova de El-Rei, vulgarmente dos Capellistas, havia as seguintes portas, que communicavam com o Terreiro do Paço: *porta do Prego*, immediata á da *Moeda; dos Barretes*, tambem chamada *arco do Açougue;* da *Ribeira;* e da *Portagem*. D'esta proseguia a muralha até á *porta Nova do Mar*, que lá está na rua dos Bacalhoeiros com o nome de *arco das Portas do Mar;* e d'ahi até á *porta da Judiaria*, que hoje é o *arco do Rosario*, defronte do Terreiro Publico, d'onde continuava passando pelo beco de Alfama, em que está um arco que era o *postigo de Alfama*, ou das *Alcaçarias* e da *Lavagem*, collocado entre os banhos que ahi ha, defronte do mesmo edificio do Terreiro, e o tanque das lavadeiras. D'este postigo corria o muro por entre os chafarizes de Dentro e da Praia, ficando no meio de ambos a *porta do chafariz de Dentro*, até ao começo da calçada que vae da Fundição para o Paraiso, onde havia a *porta da Polvora*, que era junto á cadeia da Galé, e a ultima das da banda do mar. Proximo da ermida da Boa Nova, que está no principio da calçada, se descobrem vestigios do arco e muro. D'alli subia á rua das *Portas da Cruz*, onde estava a porta d'este nome, que se demoliu em 1775 para poder passar a estatua equestre de D. José I, feita na fundição de Cima, ou de Santa Clara, para a praça do Commercio. D'esta porta, que era de architectura moderna, existe uma columna e parte do frontão do lado esquerdo, e uma inscripção junto á esquina do palacio do Secretario de Guerra no fim da referida calçada. D'esta porta ia ter a muralha ao *postigo do Arcebispo*, que ainda se vê com o nome de *arco Pequeno*, perto do campo de Santa Clara, e pela parte debaixo do pateo do palacio patriarchal ou mosteiro de S. Vicente de Fóra; e d'alli continuava em direitura ao muro da quinta do mesmo mosteiro, abrindo-se n'este lanço a *porta de S. Vicente*, um pouco arredado do sitio em que se acha o arco que serve de passadiço do mosteiro para a quinta, construido em 1808. D'esta porta corria a muralha ao longo da cerca de S. Vicente até ao largo da Graça, onde havia o *postigo de Santo Agostinho*, chamado depois de *Nossa Senhora da Graça*. A maior parte d'este lanço do muro ainda existe dentro da dita quinta, vendo-se tambem uma porção de vestigios da porta, entre a mesma quinta e o convento da Graça, hoje quartel de infanteria n. 10. A muralha continuava d'aqui até ao começo do adro da dita egreja de Nossa Senhora da Graça, ficando esta e todo o convento da parte de fóra, e no principio do caminho, que desce pelo dorso do monte, e que se chama caracol da Graça, d'onde o muro descia á *porta de Santo André*, que existe, e é o grande arco do mesmo nome junto ao palacio dos srs. condes da Figueira. D'aqui ia terminar no Castello.

Nas duas cercas a velha e a de D. Fernando, havia 77 torres e 46 portas. Da segunda, que tinha de circumferencia 7.000 passos, resta, além do que mencionámos, um precioso padrão, que se póde ver no pedaço da muralha que existe no Paço [illegible] moso proximo ao *arco do marquez de Alegrete*. Consiste na seguinte inscripção commemorativa, gravada em uma pedra que está embebida na muralha.

O mui: Nobre: e: Alto: Rej: Don: Fernando: de Purtugal: e: Fjlho: do: mui: Nobre: Rej Don Pedro e: Neto do mui: Nobre: Rej: Don: Afonso: oolhando: como: a: mui: nobre: sua: cidade: de: Lixboa: seja: hũa: das mais: nobres: cidades: que: ha: em: todalas: partes: do: mundo: e: como: esa: cidade: a: mais: nobre: fose: fora: da cerca: v elha: que: seus: bis: avoos: guanharon: aos: Moros: porem: mando: fazer: esta: cerca: nova: e: foi: começada: era: de: mil e quatro centos onze anos: se: acabou: en: quatro cemtos trêze anos: per: seu: mandado: foi: dela: regedor: Gomes: Martinz: de: Setuval: q: foi: seu: Capitan: en: seus: Reinos: e: seu: vasalo: e: Ovidor: da: sua: corte: e: corregedor: por: el: na: dita: cidade: e: Lourenço: Durãez: Escrivan: do: Concelho: e: Johan: Fernandiz: e: Vasco: Braz: Meestres: do: dito: muro.

A era que se lê na inscripção é a de Cesar, que corresponde a 1373 da de Christo. A descripção que fizemos da cerca de D. Fernando é relativa a uma epocha muito posterior á sua fundação, pois que os paços da Ribeira, e alguns outros dos edificios alli mencionados, são construcções dos seculos XV, XVI e XVII.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

42.º

PERGUNTA

Alguns grammaticos dizem que o adverbio *onde* se póde empregar com elegancia, como adjectivo relativo (pronome); mas não apontam exemplo. Póde v. indicar alguns que exemplifiquem bem esta regra?

RESPOSTA

Bastam os seguintes:

Chegou a um logar saudoso, *onde* de um pequeno ribeiro se mettem no mesmo rio. — Pedro de Mariz. — *Dialogo de Varia Historia*. — Dialogo. I.

O logar que tenho escolhido para se fundar um mosteiro, *onde* se ganhassem muitas almas na terra, e se tirassem infinitos moradores para o ceo. — Fr. Bernardo de Brito. — *Chron. de Cister fl.* 57.

Nas ferteis campinas da Lombardia e Flandres, *aonde* a cada duzentos passos ha uma aldeia. — Duarte Ribeiro de Macedo. — *Rel.* 1, 3.

Em um combate, *aonde* fizera façanhas pasmosas. — Heitor Pinto. — *Dialogo* 2, 1, 22.

Aonde faltavam as forças do corpo enfermo, suppria a virtude do espirito valente. — Balthasar Telles. — *Chron. da Comp. l.* 1, *liv.* 1. *cap.* 4.